

# DISPUTAS NO YOUTUBE: MAPEANDO MASCULINIDADES ATRAVÉS DO CANAL MANUAL DO HOMEM MODERNO

*Youtube disputes: mapping masculinities through the Modern Man's Manual channel*

*Disputas de Youtube: mapeo de masculinidades a través del canal Manual del Hombre Moderno*

---

## Juliana Soares

Doutoranda em Comunicação Social pela  
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

E-mail: [julianasoares.goncalves@gmail.com](mailto:julianasoares.goncalves@gmail.com)

---

## Tess Chamusca

Doutora em Comunicação e Cultura  
Contemporâneas pela UFBA.

E-mail: [tesschamusca@gmail.com](mailto:tesschamusca@gmail.com)

---

## Thiago Ferreira

Doutor em Comunicação e Cultura  
Contemporâneas (UFBA)

E-mail: [thiagoemanoel87@gmail.com](mailto:thiagoemanoel87@gmail.com)

---

## Resumo

Esse artigo discute os sentidos de masculinidades performados em vídeos e comentários do canal do YouTube *Manual do Homem Moderno*. As mediações da tecnicidade e da identidade, propostas por Martín-Barbero (2009) para compreensão do contexto hodierno, são centrais na análise. Para essa discussão, acionamos ainda as masculinidades (Azpiazu Carballo, 2017), a partir das disputas de poder constituintes das relações de gênero, e a noção de performance enquanto comportamento restaurado (Schechner, 2006).

**Palavras-chave:** Masculinidades. Tecnicidades. Performance. Manual do Homem Moderno. Audiovisualidades.

## Abstract

This article argues the meanings of masculinities performed in videos and comments from *Manual do Homem Moderno* YouTube channel. The mediations of technicity and identity, proposed by Martín-Barbero (2009) to understand the current context, are central in our analysis. For this discussion, we also resort masculinities (Azpiazu Carballo, 2017), based on the power disputes which constitute gender relations, and performance as restored behavior (Schechner, 2006).

**Keywords:** Masculinities. Technicities. Performance. Manual do Homem Moderno. Audiovisualities.

## Resumen

Este artículo analiza los significados de las masculinidades puestas en *performance* en videos y comentarios del canal de YouTube *Manual do Homem Moderno*. Las mediaciones de tecnicidad e identidad, desarrolladas por Martín-Barbero (2009) para comprender el contexto actual, son centrales para el análisis. Para esta discusión, también movilizamos las masculinidades (Azpiazu Carballo, 2017), a partir de las disputas de poder que constituyen las relaciones de género, y la noción de *performance* como comportamiento restaurado (Schechner, 2006).

**Palabras clave:** Masculinidades. Tecnicidades. Performance. Manual do Homem Moderno. Audiovisualidades.

## Introdução

Constatando a centralidade das tecnologias de comunicação na constituição dos sujeitos na atualidade, o presente artigo discute disputas de sentido em torno das masculinidades por meio de performances acionadas em formas audiovisuais que circulam na internet. Tendo em vista sua condição de plataforma online de produção audiovisual mais consumida no mundo, a partir de uma busca por canais do YouTube que se dedicam a discutir masculinidades, decidimos nos debruçar especificamente sobre o *Manual do Homem Moderno (MHM)*. Criado em 2012, pelos jornalistas Edson Castro (Eddie) e Leonardo Filomeno (Cachorrão) e atualmente com mais de dois milhões de inscritos e cerca de 230 milhões de visualizações<sup>1</sup>, o canal se apresenta como lugar de discussão dos temas que cercam o universo masculino “de forma descomplicada e descontraída”. O humor é uma marca característica da dupla através da inserção de imagens de programas conhecidos no Brasil e da recorrência a memes, estratégia importante para a compreensão da comunicação na internet.

A análise foi realizada em dois momentos – 2018 e 2020<sup>2</sup> – e a seleção dos vídeos e comentários foi norteada pelas playlists criadas pelo canal, pelo vídeo sobre o lançamento do primeiro livro do *MHM* (posicionado na produção como vídeo de destaque) e pela lista de vídeos mais populares, tendo em vista o nosso interesse em investigar o canal a partir da sua interação com a audiência.

Entendendo o YouTube como mais um lugar de constituição de sentidos de masculinidades onde são postas em cena distintas performances que se articulam nos estilos de vida propostos pelos apresentadores dos canais e partilhados por seus inscritos, investimos no diálogo entre identidades e técnicas, concebidas por Martín-Barbero enquanto mutações culturais vinculadas a um entorno tecnocomunicativo, e performance como chave teórico-metodológica. Ou seja, investigamos como as performances e as destrezas discursivas do canal no tocante às apropriações de uma linguagem

audiovisual (as técnicas) – o que implica como os corpos atuam, seus gestos e discursos, cenários, figurinos, enquadramentos, montagem – trazem à tona tensionamentos e estabilizações no campo das identidades. Portanto, acessamos as materialidades do canal *MHM* na medida em que dão a ver as masculinidades como processos.

Considerar as mediações e/ou mutações culturais como suporte teórico-metodológico faz com que compreendamos que as relações entre tempos, espaços, sociedade e cultura são mediadas a partir desses lugares, sendo um posicionamento conceitual. Trata-se, entretanto, também de um questionamento metodológico, fazendo com que olhemos a comunicação nas relações complexas que se estabelecem entre produção e recepção. É no giro de sair dos meios para as mediações que Martín-Barbero (2008) vai contribuir profundamente na discussão sobre a comunicação, articulando-a à cultura, entendendo-a como espaço de disputas e relações que não são estabelecidas nos meios, mas nos encontros entre sociedade, cultura e política. Um questionamento que busca ultrapassar o determinismo tecnológico, de um lado, e a onipresença do mercado, de outro.

Martín-Barbero (2009) afirma que vivemos em um contexto configurado pela existência de um entorno tecnocomunicativo, marcado por uma compressão de tempo e espaço. Para ele, não se trata de raciocinar sob a ideia de um panóptico que nos vigia, mas sim, de que vemos e somos vistos o tempo todo e de que os meios de comunicação são instâncias fundamentais das culturas ocidentais, incluído aí o contexto brasileiro atual. A fim de compreender os processos culturais e comunicacionais que configuram esse entorno tecnocomunicativo, e as dinâmicas de compressão do espaço-tempo, o autor propõe um mapa articulado em dois grandes eixos – migrações populacionais e fluxos de imagem e informações – e quatro mediações/mutações culturais: ritualidade, cognitividade, identidade e técnica.

Trataremos mais especificamente das mutações de identidades e técnicas. É através delas que abordamos metodologicamente as relações entre temporalidades e masculinidades na análise do *Manual do Homem Moderno*, fazendo com que observemos os textos dos apresentadores, mas também os

<sup>1</sup> Informações verificadas em 14 de agosto de 2020.

<sup>2</sup> Fizemos uma primeira análise do canal para uma apresentação realizada em novembro de 2018 no VIII Encontro Historicidades dos Processos Comunicacionais.

comentários feitos pela audiência; buscando as disputas de sentido em torno das performances de ser homem hoje. Martín-Barbero (2004) afirma que as alterações observadas no contexto cultural demarcado pela comunicação em satélite nos confrontam com “uma acelerada desterritorialização das demarcações culturais e com desconcertantes hibridizações nas identidades” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 209). Para o autor, a contemporaneidade é marcada por:

*Identities de temporalidades menos longas, mais precárias, dotadas de uma plasticidade que lhes permite amalgamar ingredientes que provêm de mundos culturais muito diversos e, portanto, atravessadas por fortes discontinuidades, em que convivem gestos atávicos, resíduos modernistas, ecletismos pós-modernos (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 72).*

As identidades são tão fluidas quanto são dinâmicas as temporalidades a caracterizá-las. Por isso, devem ser compreendidas como fragmentos instáveis. “A identidade do sujeito que habita nosso mundo ocidental [...] é a de um indivíduo que sofre de uma constante instabilidade identitária e uma fragmentação da subjetividade cada dia maior” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 130). Entendemos que, ao posicioná-la entre migrações e tempos, Martín-Barbero quer marcar as múltiplas temporalidades concernidas nesses processos identitários provocados por migrações populacionais – não compreendidas apenas como deslocamentos geográficos (GOMES et al, 2017).

A nosso ver, essa caracterização indica a necessidade de superar demarcações identitárias essencialistas que negam possibilidades transitórias frente às multiplicidades de relações nesse contexto de entorno tecnocomunicativo e justaposição de distintos espaços-tempos. As masculinidades sendo compreendidas, portanto, como configurações identitárias, sujeitas a disputas, ao mesmo tempo que se vinculam a contextos específicos.

Problematizar as masculinidades dentro do campo de estudos de gênero, como argumenta Rafael Aragão (2013), tem sido fundamental para compreendê-las não como ontologia, mas como um “conhecimento social, construído e sedimentado historicamente” (ARAGÃO, 2013, p. 347). Se faz

importante ressaltar que embora sejam construções, as masculinidades são constituídas por e produzem materialidades, inclusive dos corpos. Logo, o corpo que compreendemos como masculino é assim produzido e percebido como tal em função de um conjunto de sentidos socialmente partilhados e associados ao ser homem. Dessa maneira, compreendemos as masculinidades como constelações de sentidos que são produzidas por um vasto e heterogêneo conjunto de elementos, mais ou menos materiais. Tendo eles como base, desde a infância, os indivíduos são educados e constituem suas subjetividades, ainda que como dissidentes. Assim, falar de sentidos não significa considerar as masculinidades como uma construção desencarnada, ou seja, descolada da dimensão material da vida. Na condição de construção, as identidades masculinas em seus cruzamentos interseccionais (como em seus atravessamentos com as dimensões de classe e raça) diferenciam os indivíduos, determinando diferentes lugares e distintas legitimidades, bem como atividades e possibilidades de modos de vida.

Nesse sentido, Connell e Messerschmidt (2013, p. 250) ressaltam a importância de situar o debate sobre as masculinidades geográfica e historicamente, uma vez que essas seriam “configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular”. Nesse sentido, Azpiazu Carballo (2017) enfatiza a relevância das disputas de poder constituintes das relações de gênero e convoca uma abordagem relacional (dos homens com seus pares e também com as mulheres e demais identidades de gênero dissidentes do sistema binário).

Se as masculinidades são uma constelação semântica que produz sentidos encarnados e simbólicos (embora esses símbolos possam estar vinculados a materialidades), convocamos a discussão de Butler (2015) que compreende os gêneros como gramática que estabelece como inteligíveis (seja masculino ou feminino) aqueles que operam a partir de uma suposta coerência (ou continuidade) entre sexo, identidade de gênero e sexualidade/desejo. Havendo tal coerência, a masculinidade não apenas é reconhecida, mas adquire status de substância.

Logo, sendo as masculinidades compreendidas como articulação de sentidos produzida nos corpos e produtora de corpos, considerando ainda que sua rede semântica é formada por elementos que estão para além dos limites somáticos, percebemos em espaços como o YouTube possibilidades

promissoras de apreensão desses significados em movimento a partir das performances observadas.

Desse modo, faz-se importante observar a tecnicidade. Essa mediação é formulada por Martín-Barbero (2008) no mapa das mediações culturais, apresentado no prefácio à 5ª edição espanhola de *Dos Meios às Mediações*. Nesse mapa, ela medeia a relação entre as lógicas de produção e os formatos industriais (os produtos), ressaltando a capacidade de inovação que as empresas têm, ao convocarem novas percepções e discursividades. Essa mediação diz respeito à competência na linguagem, “é menos assunto de aparatos do que de operadores perceptivos e destrezas discursivas” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 18). Compreendemos, como ele, que atualmente a tecnicidade deve ser pensada na relação com a globalização, “rearrajando aceleradamente a relação dos discursos públicos e dos relatos (gêneros) midiáticos com os formatos industriais e os textos virtuais” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 236). No mapa das mutações culturais, tecnicidade é colocada entre tempos e fluxos, e é articulada na relação com novas configurações identitárias (MARTÍN-BARBERO, 2009).

Portanto, considerar tecnicidades nesses termos significa, nesse trabalho, observar a relação com deslocamentos espaço-temporais que são articulados através dos fluxos de imagem. Considerando a discussão proposta em torno do canal do YouTube *Manual do Homem Moderno*, é compreender de que maneira as masculinidades são estabelecidas na relação com formas de fazer e ver que circundam esse produto e que circulam através dos fluxos audiovisuais. Essas mutações são guias teórico-metodológicos. Analisamos os canais na relação com temporalidades, buscando, nos vídeos, discursos que apontem para tensionamentos em torno das masculinidades.

Articulada às mutações das tecnicidades e das identidades, a performance é apropriada enquanto conceito metodológico que nos possibilita a análise de como masculinidades se dão a ver e disputam sentidos no canal *Manual do Homem Moderno*. De acordo com Schechner (2006), as performances dizem respeito a uma lógica de atuação. Ao mesmo tempo que se mostram como comportamentos restaurados, ou seja, ações que demandam treinamentos e ensaios, não funcionam somente como repetição de convenções porque são inúmeras as possibilidades de reorganizar essas formas de agir, o que torna cada performance única.

De modo que a singularidade de cada performance está intimamente vinculada a sua dimensão situacional. Em outras palavras, a performance depende da interação entre comportamentos variados, contextos específicos e alguém que assiste. Assim, André Brasil caracteriza a performance enquanto uma totalidade precária, algo que se apresenta menos como completude e mais como desejo de realização. “Ela deseja a forma – improvável – na medida em que é constantemente ameaçada – por vezes, arruinada – por uma força que a transforma, que a faz defasar, alienar-se de si mesma” (BRASIL, 2011, p. 6).

As performances “se revelam como uma espécie de forma-força (e não meramente a representação de uma ação) que indicam tanto as matrizes convencionais da ação quantos seus desvios disruptivos em determinados acontecimentos” (CARDOSO FILHO; GUTMANN, 2019, p. 109). Portanto, o conceito se mostra produtivo na medida em que contribui para uma compreensão do que as masculinidades que se apresentam a partir do *MHM* propõem em termos de reforço das normas de gênero e/ou abertura de possíveis linhas de fuga.

Cardoso Filho e Gutmann (2019) enfatizam o fato de que a performance não está num objeto específico mas configura o lugar de articulação entre textualidades, recepção e seus contextos. Tendo isso em conta, com a associação entre performance, compreendida como espaço de interação, e mutações, buscamos lançar um olhar para o canal que tenha em conta o processo comunicativo no qual ele se insere, daí propormos uma análise que considera as formas expressivas do canal e comentários postados nos vídeos. Por isso, nos dedicaremos a seguir à apresentação do canal *Manual do Homem Moderno*, empiria que inspira as reflexões aqui propostas.

## **Manual do Homem Moderno: performances de masculinidades em fluxo**

A fim de articular a questão das tecnicidades, identidades, performances e masculinidades, adentraremos a seguir as especificidades do canal analisado. Descrito como um espaço de dicas de relacionamento, moda masculina e desenvolvimento pessoal, o *MHM* se autodenomina *o canal mais completo do Youtube*. O conteúdo produzido se desdobra também em posts em perfis de redes sociais, como o *Twitter* e o *Instagram* e em um livro, o *Guia Definitivo*

para *Não Quebrar a Cara*, publicado em 2019, reunindo os melhores conselhos selecionados pela dupla a partir do conteúdo publicado no canal.

Em meio ao fluxo de produções audiovisuais que se dispõem a discutir masculinidades no YouTube, o canal constrói um tom próximo e coloquial de um amigo mais velho que já passou pelas experiências dos adolescentes que acompanham o *MHM* e vai ajudá-los nos processos que constituem essa fase da vida. Nesse sentido, contraditoriamente, ainda que tenham publicado, em 2019, um livro intitulado *O guia definitivo para não quebrar a cara*, que remete a um didatismo, ao postarem um vídeo de lançamento<sup>3</sup>, Edson e Leo destacam o seguinte trecho da obra: “Primeiramente, sintase à vontade ao abrir estas páginas, você está entre amigos. Não somos seus gurus, professores, mestres, guias espirituais, muito menos algum tipo de *coach*”.

Porém, a própria conformação do canal, com vídeos que propõem ensinar aos homens comportamentos e práticas diversas, compreendidas como aquelas mais adequadas para o *homem moderno*, trazem à tona o seu caráter pedagógico. As *playlists* são compostas por temas diversos (somam 57), tais como moda masculina e suas variáveis (*Perfumes, Roupas Sociais, Tênis, Estilo, Guia de Compras*), aparência (*Dicas de barba e cabelo, Cortes de cabelo masculino, Tatuagem Masculina*), comportamento (*Masculinidades Tóxicas, Dicas de Relacionamento, Esporte e Vida Saudável, Manual da Vida Adulta*), sexo e relacionamentos (*Como chegar em uma mulher, Sexo, Como Melhorar no Sexo*), relação com os filhos (*Paternidade / como ser um bom pai, Pai moderno*), finanças (*Como Ganhar Dinheiro e Como Cuidar Dele, Dicas Para Você Crescer na Vida e no Trabalho, Pense Rico*), hábitos de consumo cultural (*Filmes, Séries, Livros, HQs*), enfim, temas compreendidos pelos fundadores como estruturantes da vida do homem.

Reconhecemos que hoje, por incentivo do próprio YouTube, as produções para a plataforma estão se profissionalizando, mas entendemos que esse movimento se dá a partir de uma experimentação de linguagens que estão se desenvolvendo no próprio âmbito da internet, algo que está presente no *MHM*. Nesse sentido, há, no canal, uma predileção por vídeos de, no máximo, 15 minutos, aproximando-se de um modo de consumo e circulação mais dinâmico, comuns ao espaço digital. O canal busca ainda conversar com hábitos digitais, produzindo um vídeo em que são dadas dicas para “Puxar (e manter) uma conversa com uma mulher” no Whatsapp<sup>4</sup>. Os vídeos listados

como mais populares do canal, assim como os demais, possuem *thumbs* enquanto capas, cujas funções são, por um lado, seguir um padrão oferecido pela plataforma e, por outro, chamar a atenção da audiência para os conteúdos que estão sendo discutidos. Outros aspectos também são próprios de um audiovisual que se faz para circular na internet, como intervenções na voz para que ela fique mais aguda quando eles se referem a falas de outras pessoas e gravação em tons de sépia ou em p&b quando narram coisas do passado ou para destacar reações de um apresentador à fala do outro (ou da outra, no caso de Maria, integrante feminina da equipe do canal).

Estabelecem-se técnicas que convocam um homem jovem, interessado pelo que é dito e se diverte, se informa, se comove e/ou se irrita com o que vê no canal porque tem domínio das formas de comunicação comuns às ambiências digitais e também partilha alguns repertórios com os apresentadores. Dentre eles, destacamos o universo do esporte, do rock e de uma cultura pop vinculada às séries de fantasia e quadrinhos, convocados por meio do cenário de fundo, que ao longo da trajetória do canal, já apresentou colagens de pôsteres de bandas de punk rock que fizeram sucesso nos anos 80, como The Clash e Misfits, personalidades como Mohamed Ali, Bruce Lee, Pelé e Ayrton Senna e personagens de séries e filmes de super-heróis, como Batman e Tyrion Lannister (*Game of Thrones*). Inserções sonoras também fazem referências a esses “mundos”, a exemplo do tema de abertura do programa *Esporte Espetacular* (TV Globo). Elementos que conformam a performance do canal.

Assim, o *Manual do Homem Moderno* parece querer convocar diferentes construções de masculinidades que vão desde o *bodybuilder* (ainda que antenado à tendência contemporânea de ter mais atenção à saúde), passando pelo *geek*, versão mais conectada com a cultura pop do nerd dos anos 1970 e 1980, e pelo que eles chamam de *fashionista*, que ousaria mais na forma de se vestir, chegando a referências mais contemporâneas de paternidade participativa. Nessa conformação identitária do ser homem, a lista de vídeos mais populares

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fbsg2RB24kM>. Acesso em: 19 ago. 2020.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=62HDA17gs6Y>. Acesso em: 19 ago. 2020.

do canal<sup>5</sup>, observada por nós no processo de análise, revela que, dentro dessa diversidade citada, são convocados pelo canal, majoritariamente, homens jovens cis – o que se confirma pela utilização de gírias e dicas como sexo na adolescência, que sugere uma fase em que quem assiste está iniciando sua vida sexual, e pela presumida presença de um pênis no corpo de quem assiste. Tal constatação também se faz possível a partir da participação de um inscrito exibida e comentada pela dupla, como essa:

*Vinicius Chaves: Meu pai trabalhava em outro estado e eu não tive a presença pessoalmente dele por 13 anos. Ele não pode me ensinar valores, coisas da vida e o que eu tinha que enfrentar no mundo real. O MHM me ajudou a ser mais maduro, ser homem e encarar as dificuldades sem medo; me ajudou na autoestima e como chegar nas mulheres. KKKKK. Muito obrigado, MHM<sup>6</sup>.*

Comentários como o apresentado acima são frequentes e fazem ver a participação de adolescentes menores de 18 anos em busca de dicas sobre a primeira relação sexual, primeiro emprego, dentre outras iniciações na vida adulta. A própria dicção da dupla de apresentadores nos vídeos, bem como em seus depoimentos, deixa ver o perfil principal da audiência: “Cada vez que eu troco ideia, que eu produzo um conteúdo, que eu tenho uma conversa sobre um tema, é como se fosse eu tentando trocar ideia pro meu filho no futuro”, diz Cachorrão no mesmo vídeo.

As masculinidades performadas nos vídeos e que orientam o projeto pedagógico encarnado nos corpos, falas e perfis de convidados do canal MHM se sustentam majoritariamente em uma óptica heterossexual. Em consonância com a visada de Butler (2015), é possível observar que a projeção de masculinidade performada nos corpos tem suas bases na matriz binária de gênero, que se converte em um sistema regulador das possíveis sexualidades e subjetividades que se identificam com o conteúdo proposto. São vários os exemplos em que é pressuposta uma parceira.

<sup>5</sup>Disponível em: <https://www.youtube.com/c/ManualdoHomemModerno/videos?view=O&sort=p&flow=grid>. Acesso em: 19 ago. 2020.

<sup>6</sup> Depoimento disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2HX1U5VXXzo>. Acesso em 20 ago. 2020.

Observar os comentários nos fez ver, na discussão dos temas pela audiência, o pressuposto binário dito acima e a reiteração e rejeição de alguns dos pontos de vista apresentados pelo canal. Em um vídeo em que o MHM apresenta um TOP 7 de atrizes pornô, o que reforça o endereçamento a um público masculino heterossexual, parte dos comentaristas reage acrescentando nomes à lista, outros associando a lista à masturbação e, por fim, um grupo que critica porque o canal havia publicado um vídeo anteriormente falando sobre os excessos da prática masturbatória. Nos comentários, o canal é tensionado por quem, ao ter visto o vídeo anterior, rejeita e critica o que está sendo dito ali na relação conformada pelo próprio canal que havia alertado para essa prática. São estabelecidas partilhas identitárias entre audiência e o canal tanto nas concordâncias quanto nas rejeições, explicitando as disputas que atravessam o MHM.

Não somente a grande quantidade de vídeos que abordam o sexo, mas o fato de que essas produções são as mais populares do MHM reforçam a concepção recorrente de que a sexualidade ocupa um lugar central na vida dos homens. Porém, igualmente do ponto de vista da produção e do consumo, podemos identificar também deslocamentos que dizem respeito a uma sexualidade que é exercida tendo em conta as demandas e preferências da parceira. O que se expressa no fato de que o vídeo “Sexo oral: como chupar uma mulher direito”<sup>7</sup> é o mais popular do canal.

Ainda no que diz respeito ao predomínio de questões que estão relacionadas à experiência do homem heterossexual, um olhar para o canal nos mostra a persistência do que a pesquisadora Miriam Grossi (2004) descreve como um dos fatores de manutenção da honra masculina: possuir poder econômico para sustentar a família, o que contribui para a reprodução de uma cultura patriarcal em que o homem deve cumprir o papel de provedor. No vídeo *Quais as obrigações de um homem?*<sup>8</sup> os apresentadores Eddie e Maria questionam a resistência que os homens frequentemente têm em aceitar que as parceiras paguem algumas contas quando recebem melhores salários:

<sup>7</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=frX3uO\\_sW8s&t=69s](https://www.youtube.com/watch?v=frX3uO_sW8s&t=69s). Acesso em: 20 ago. 2020.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tqfMZuE0gyw>. Acesso em: 4 out. 2018.

*Se sua mina consegue um trampo, você não, só que para sua mina tá tudo bem, ela vê que você está lá, tentando... Eu acho que não é uma coisa, porra, vou me matar. É uma coisa, do tipo, porra... quero trabalhar, eu preciso, como vou fazer isso e tal, mas enquanto isso minha mina segura as pontas.*

Ou seja, ainda que o apresentador tente relativizar a construção da masculinidade baseada na capacidade de se prover financeiramente, a questão é tratada como uma situação temporária. Na fala de Eddie não existe a possibilidade de que em um arranjo sexual, o homem se coloque como alguém que possa ser sustentado pela parceira como uma situação permanente.

Se as relações com as mulheres ocupam um papel central nas performances convocadas pelo canal, a construção dos vínculos com os filhos, aspecto cada vez mais presente no debate atual sobre masculinidades, é um tema pouco explorado que também não está presente nos vídeos mais populares da produção. O que pode ser explicado, em parte, pela tentativa do *MHM* de se aproximar de um público adolescente.

É, sobretudo, a partir da relação do apresentador Leo com seu filho que a temática é pautada. Há um vídeo da descoberta de que ele estava “grávido” e uma série intitulada *Diário do Pai Moderno*, com vídeos sobre aspectos pontuais e rituais da paternidade. Mas é um vídeo que faz parte do quadro Dicas do cachorrão intitulado *Eu me arrependi de ser pai?*<sup>9</sup> que fornece pistas sobre como o apresentador concebe a experiência da paternidade.

Cachorrão sinaliza que cada homem se sente pai em momentos diferentes. Alguns quando a companheira diz estar grávida, outros quando a criança nasce e outros apenas muito tempo depois. O apresentador convoca o sentimento de proteção como condição do masculino: “tem um serzinho delicado que depende de mim. Se eu vacilar, ele vai ficar sozinho no mundo”. Porém, a paternidade não assume protagonismo: “Quando você vira pai, você passa a ser o coadjuvante da sua vida. Quando você tem um filho, você descobre o quão foda é a sua mulher. Entenda: o seu papel de coadjuvante

[em relação à mãe] é fundamental para o crescimento e a educação do seu filho”.

Porém, ainda que o canal reforce a concepção de que o envolvimento da mulher com a criança sempre vai ser maior, e que a ele não cabe o protagonismo – posicionamentos que, a nosso ver, reforçam a sobrecarga das mulheres nas tarefas de cuidado –, não pode ser considerada irrelevante a crítica feita pelos apresentadores do *MHM* ao abandono parental diante de um contexto em que 5,5 milhões de crianças brasileiras não têm o nome do pai na certidão. No vídeo “Pai do Paulinho e o abandono paterno no Brasil”<sup>10</sup>, publicado em 7 de julho de 2018, Leo e Eddie fazem uma crítica não somente aos homens que abandonam seus filhos, mas também a uma narrativa midiática que romantiza a figura do “pai distante” em matérias sobre personalidades.

Devido ao quantitativo de seguidores que possui e ao grau de engajamento dessas pessoas nos vídeos postados pelo canal, podemos considerar que o *Manual do Homem Moderno* se comporta como uma arena de debate em que se operam pequenos deslocamentos, momentos de ambiguidade na relação com os valores que conformam uma sociedade patriarcal. As performances observadas nos vídeos do *MHM* permitem ver tensões entre a tentativa de vivenciar as masculinidades de uma forma em que o indivíduo tem uma relação bem resolvida com a vaidade e a atenção aos detalhes que conformam a sua aparência, é mais cuidadoso no que diz respeito aos desejos de sua parceira e busca se fazer mais presente na vida dos filhos (ainda que pautado num entendimento de que o papel mais importante é o da mãe) e a persistência de referências tradicionalmente relacionadas ao ser homem, como a proteção, a capacidade de prover e o interesse exacerbado pelo sexo.

## Considerações finais

Ao propor que estamos vivendo em um entorno tecnocomunicativo, Martín-Barbero (2009) argumenta que, a partir de uma relação com a tecnologia, as identidades estão sofrendo grandes transformações, fazendo

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LvKOdqZ8IEc>. Acesso em: 30 set. 2018.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AedWUgq4ndI>. Acesso em: 30 set. 2018.

com que o eu se torne um campo instável em que personalidades midiáticas possuem grande importância como referência e modelo de conduta. Daí o autor reivindicar um vínculo estreito entre técnicas e identidades, sendo fundamental tomá-las como mediações/mutações que permitem observar as relações e disputas entre sociedade, política e cultura. Ao compreender as técnicas como operadores perceptivos e destrezas discursivas, vemos que as identidades são conformadas em diálogo com as sensibilidades dispostas na internet. As masculinidades que analisamos através do *MHM* são acionadas por modos de fazer e ver que atravessam o canal, por um *sensorium* estabelecido no entorno tecnocomunicativo.

Em relação às identidades, é possível observar que os vídeos publicados no *MHM* permitem ver o amalgamento de elementos de referências culturais e temporalidades distintas. É possível inferir, por exemplo, uma diferença etária significativa entre os criadores/apresentadores do canal, que têm entre 30 e 40 anos, e a audiência, formada principalmente por adolescentes. Nessa relação, há o acionamento de elementos tão distintos na conformação dessas identidades, como as referências nerd, com a performance do canal restaurando um comportamento que tem como referências filmes que fizeram sucesso na década de 1980, e o estilo de vida mais contemporâneo vinculado ao *bodybuilder*.

Ao mesmo tempo, o que Martín-Barbero chama de fluidez de identidades se constrói de maneira singular na rede textual do canal. Os discursos do *MHM* parecem negociar a continuidade das estruturas heteronormativas das masculinidades (abordam principalmente a relação com mulheres, falam da cultura do pornô, da expectativa sobre ganhar dinheiro, modos de viver a paternidade como coadjuvante na criação dos filhos, dentre uma infinidade de outros aspectos possíveis) com as mudanças resultantes das lutas e demandas de grupos contemporâneos de mulheres (como respeito à autonomia da parceira, dissolução de pensamentos pautados no patriarcado, como o julgamento moral da vida sexual das mulheres, etc.).

Sobre a justaposição de distintos espaços-tempos, percebemos que, ao mesmo tempo que a paternidade aparece como um tema relevante para a projeção de “homem moderno” no *MHM*, sendo esse um dos assuntos mais trabalhados por comunidades de homens que se dizem transformados em relação aos parâmetros tradicionais de masculinidades, os modos de vivência da paternidade do canal ainda não incorporaram práticas e discussões

importantes no século XXI, que vão desde as chamadas paternidades afetivas, a criação com apego, ou seja, projeções de ser pai que exigem (ao menos na teoria) o compartilhamento real das funções de criação e, conseqüentemente, maior comprometimento desses homens.

Tais contradições e fissuras observadas indicam para a superação das demarcações identitárias essencialistas, no sentido em que apontam para construções que estão em processo, sobrepondo maneiras não só distintas, mas muitas vezes conflitantes de ser homem. Essa compreensão confirma nossa aposta de tomar a performance tanto como comportamento restaurado (Schechner, 2006) quanto na aposta de entendê-la na interação que se estabelece entre produção e recepção. Essas incoerências e descontinuidades dialogam com a concepção de performance de Brasil (2011) na medida em que, na ação e no encontro entre *MHM* e a audiência, nota-se que a projeção identitária proposta pelo canal pode indicar muito mais para o desejo de realização de um projeto de masculino, do que uma realidade dada. Na condição de manual, o canal representa de saída esse desejo de realização, que se materializa como prescrições de como se deve ser homem nos mais diferentes níveis.

## Referências

Aragão, R. (2013). O homem é desse mundo: para entender a masculinidade como um processo histórico. In COLLING, L.; THÜRLER, D. (org.). *Estudos e políticas do CUS*. (p. 341-370). EDUFBA.

Azpiazu Carballo, J. (2017). Homo Homini Lupus. ¿Es posible pensar la masculinidad desde la masculinidad? In AZPIAZU CARBALLO, J. *Masculinidades y feminismo*. (p. 23-74). Virus Editorial.

Brasil, A. (2011, Junho 14-17). *A performance: entre o vivido e o imaginado*. [Apresentação de paper]. XX Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil. [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1603.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1603.pdf)

Butler, J. (2015). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira.

Cardoso Filho, J. C.; GUTMANN, J. (2019). Performances como expressões da experiência estética: modos de apreensão e mecanismos operativos. *Intexto*, 47, 104-120. <https://doi.org/10.19132/1807-8583201947.104-120>.

Connell, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>.

Gomes, I. M. M. et al. (2017). Temporalidades múltiplas: análise cultural dos videoclipes e da performance de Figueroa a partir dos mapas das mediações e das mutações culturais. *Contracampo*, 36(3), 134-153. <https://doi.org/10.22409/contracampo.v36i3.1066>.

Grossi, Miriam Pilar. (2004). Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em primeira mão*, 75, 4-37.

Martín-Barbero, J. (2014). *A comunicação na educação*. Contexto.

Martín-Barbero, J. (2009). As formas mestiças da mídia. Entrevista por Mariluce Moura. *Pesquisa FAPESP*, 163, 10-15.

Martín-Barbero, J. (2008). *Dos meios às mediações*. Comunicação, Cultura e Hegemonia. (4. ed). Editora UFRJ.

Martín-Barbero, J. (2004). *Ofício do cartógrafo*. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Edições Loyola.

Schechner, R. (2006). *Performance Studies: an introduction*. (2. ed). Routledge.

Wittig, Monique. (2016). *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Editorial Egales.